

## Machado de Assis cronista

Doutoranda Mariana da Silva Lima<sup>1</sup> (UFRJ)

### **Resumo:**

*O artigo apresenta as conclusões parciais obtidas na pesquisa da tese de doutorado intitulada “Machado de Assis, um cronista na Primeira República – Visões do país nas crônicas de ‘A Semana’”, que tem por objeto a última série de crônicas publicadas pelo autor (entre os anos de 1892 e 1897 na Gazeta de Notícias). O estudo comparativo entre a série “A Semana” e as séries anteriores, além de três outros textos de 1859, sugeriu algumas hipóteses relativas à influência do mecanismo editorial sobre o conteúdo e a forma das crônicas machadianas em momentos-chave do processo histórico brasileiro no final do século XIX.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis, crônicas, “A semana”

O artigo apresenta as conclusões parciais obtidas na pesquisa da tese de doutorado intitulada “Machado de Assis, um cronista na Primeira República – Visões do país nas crônicas de ‘A Semana’”, que tem por objeto a última série de crônicas publicadas pelo autor (entre os anos de 1892 e 1897 na de Notícias). O estudo comparativo entre a série “A Semana” e as séries anteriores, além de três outros textos de 1859, sugeriu algumas hipóteses relativas à influência do mecanismo editorial sobre o conteúdo e a forma das crônicas machadianas em momentos-chave do processo histórico brasileiro no final do século XIX.

A escolha de “A semana” deveu-se à preponderância nesta série das esferas política e econômica, haja vista o período coberto pelo conjunto dos textos. Levando-se em conta que a série anterior, “Bons dias!”, foi publicada no biênio 1888-1889 (sendo a última crônica datada de 29 de agosto de 1889, quase três meses antes da Proclamação), e que o autor não produziu, ao que se sabe, nenhuma outra série no intervalo, “A semana” é a única série que aborda o conturbado início da República e as mudanças por que passou o país na virada do século, o que atesta sua importância histórica.

Porém, como não se trata aqui de empreender (apenas) um estudo histórico desta série de crônicas, mas de proceder (prioritariamente) à sua análise literária, o projeto deve comportar uma justificativa no âmbito da literatura. De fato, o período em que a série foi escrita é especial não só no que diz respeito ao contexto brasileiro mais amplo, mas também em relação à obra do autor. Se, no que tange ao país, “A semana” é a única série que testemunha a República, em relação à obra de Machado, trata-se da última série de crônicas,

---

### **1 Autora**

**Mariana DA SILVA LIMA, Doutoranda**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura

marisilvalima@yahoo.com.br

escrita no período que é considerado como a maturidade artística do autor, portanto quando ele apresenta grande domínio da forma.

Dito isso, cabe apresentar a estrutura da tese. O trabalho teve início pela leitura das crônicas da série “A semana”, a partir do que se procedeu à análise interpretativa dos textos. A seguir, teve lugar o estudo da *Gazeta de Notícias*, com o intuito de se traçar um perfil do jornal no panorama mais amplo da imprensa brasileira oitocentista, e de se perceber possíveis relações entre o jornal e a série. Depois que essa etapa já estava minimamente estruturada, procedi à leitura das crônicas que José de Alencar publicou entre os anos de 1854 e 1855 sob o título “Ao correr da pena” (inicialmente no *Correio Mercantil* e depois no *Diário do Rio de Janeiro*). (Esse estudo, que seria feito apenas a título de comparação com as crônicas de Machado de Assis, acabou propiciando não apenas um novo eixo de análise, mas uma total reformulação da estrutura da tese.

A partir da comparação entre a produção cronística dos dois autores, foi possível perceber que ambos revelam, **a princípio**, grande entusiasmo em relação ao momento histórico que vivenciam: Machado de Assis, em dois artigos de 1859, louva os avanços da indústria e, em particular, o jornal como “grande veículo do espírito moderno”. Tanto em “O jornal e o livro” quanto em “A reforma pelo jornal”, o escritor argumenta que o jornal representaria “um sintoma de democracia”, uma vez que, constituindo-se como espaço propício ao debate público, possibilitaria o questionamento do *status quo* e a derrota das monarquias. De modo semelhante, Alencar, em suas crônicas, mostra-se empolgado com a chegada da indústria e do grande capital ao país, sonhando com o desenvolvimento que essas inovações trariam para o país. Em relação à mão-de-obra, diz que a escravidão é uma “hidra de Lerna que precisa ser extirpada”. Tanto no entusiasmo que demonstram perante o momento histórico por que passava o Brasil quanto nos argumentos acionados no apoio às iniciativas que viam pulular ao seu redor, Machado e Alencar mostravam sintonia com seu tempo. Como revela a leitura de outros cronistas da época, a euforia era um estado de espírito comum aos intelectuais na década de 1850, uma vez que esse período concentrou, como talvez nenhum outro, um verdadeiro surto de mudanças no país, em defesa do qual não raro era acionado o ideário liberal.

As décadas seguintes, contudo, irão testemunhar mudanças significativas nas atitudes dos dois escritores. Cerca de dez anos depois de escrever sua série de crônicas, Alencar foi eleito deputado pelo Partido Conservador, do qual se tornou porta-voz, e publicou as *Cartas políticas*, endereçadas ao imperador e defendendo a manutenção da escravidão. A visão manifesta por Machado de Assis na década de 1850 também passaria por mudanças, embora em outro sentido. Uma crônica de 1876 apresenta uma clara mudança em relação àquela primeira percepção, muito influenciada pela ideologia liberal, que via no jornal “o gérmen de uma revolução” não apenas literária, mas também social e econômica. Este novo texto, em que o cronista comenta o recenseamento do Império – “do qual se conclui que 70% da população não sabe ler” –, aponta claramente sua conscientização do obstáculo que analfabetismo representava para a democracia.

Como se sabe, a década de 1870 constitui um período fundamental na obra de Machado de Assis. Essa consciência da realidade brasileira vai gradualmente se impregnando em seus textos, de modo que **o conteúdo social se sedimenta na forma**

**literária** (Adorno). Assim, o período compreendido entre as séries “Badaladas” (1871-1873) e “Bons dias!” (1888-1889) mostra que Machado foi desenvolvendo literariamente formas de expressar o nó ideológico (na expressão de Roberto Schwarz) que representava o liberalismo no país.

Quando finalmente chegamos à série “A semana”, é possível perceber a maestria do autor no trato com a forma literária, e a exposição daquela tensão por meio de recursos complexos e variados. Sintomaticamente, talvez, o final da série coincide com uma grande encruzilhada na história brasileira: a campanha de Canudos. O estudo das crônicas que abordaram esse assunto (num total de apenas sete, dispersas entre 1893 e 1897) parece revelar uma nova visão por parte de Machado de Assis quanto ao papel da imprensa na modernidade e aos limites da posição dos intelectuais. Nas crônicas que versam sobre Canudos, nota-se uma oscilação de posições contra e a favor dos canudenses, o que expressaria uma dificuldade do autor de assumir uma postura diferente daquela defendida não apenas pela *Gazeta de Notícias* como também pela imprensa como um todo. Se a hipótese estiver correta, isso significa que Machado teria chegado a uma percepção segundo a qual a imprensa não só pode ignorar as desigualdades sociais, mas ainda pode ajudar a aprofundá-las.

Como consequência desse novo eixo de análise, toda a estrutura da tese passou por uma reordenação, que apresento a seguir. A primeira parte busca contextualizar a discussão em diversos aspectos: o primeiro capítulo comenta o atual estado da crítica machadiana, concentrando-se nos problemas relativos ao estudo das crônicas. (A intenção é apresentar as principais “leituras em competição” atuais relativas à obra de Machado, destacando-se a oposição entre as interpretações que privilegiam as relações de sua obra com o processo histórico-social brasileiro e as que não o fazem. No primeiro caso, os principais críticos analisados são Roberto Schwarz, John Gledson e Sidney Chalhoub; no segundo, Alfredo Bosi e Abel Barros Baptista. Dentro de cada um desses campos, as diferenças entre os críticos também são levadas em conta.) O segundo capítulo aborda os problemas de aclimação do gênero crônica no país, elegendo José de Alencar como interlocutor preferencial. Fecha a primeira parte uma análise panorâmica das diversas séries de crônicas machadianas, com o objetivo de se perceber o que mudou no estilo do autor de uma série para outra, bem como aquilo que já estava presente em sua escrita desde as primeiras crônicas.

A segunda parte volta-se ao objeto propriamente dito da pesquisa – a série “A semana”. Como a crônica se situa a meio caminho entre o jornalismo e a literatura, é preciso levar esses dois aspectos em consideração e abrir uma frente dupla de trabalho: primeiro, proceder a um estudo do **jornal** em que esses textos foram publicados (o que é feito no primeiro capítulo da segunda parte). A análise do veículo de publicação influencia a própria forma do texto, na medida em que a) a crônica é um texto que comenta os acontecimentos ocorridos na semana de sua publicação; b) os leitores já tomaram ciência desses eventos nas notícias e reportagens que compõem o jornal e c) portanto, o cronista deve fornecer um relato diferenciado desses mesmos acontecimentos. E aqui já nos encontramos no campo da literatura, lidando com aquela que talvez seja a questão central desses textos que é a análise da **voz narrativa** que os compõe (o que é feito no segundo

capítulo). No terceiro, agrupam-se questões relacionadas aos diversos temas abordados semanalmente, tais como: política, medicina, religião e economia.

Essa segunda parte tem por título geral “A *Gazeta*, o bonde e o cronista moderno”. Partindo de sugestão presente na crônica de 06 de agosto de 1893, em que Machado observa que “os dois maiores acontecimentos dos últimos trinta anos nesta cidade foram a *Gazeta* e o bonde”, esses dois elementos são tomados como guias de análise. Assim, no primeiro capítulo o foco recai no estudo da *Gazeta de Notícias* – jornal em que Machado publicou as crônicas desta série – e do papel que o periódico exerceu na imprensa brasileira na virada do século. No terceiro capítulo, o **bonde** funciona como símbolo de nossa corrida rumo ao progresso, em um processo de modernização repleto de contradições entre nosso passado colonial e as tentativas de superá-lo. Temos assim o jornal e o bonde como signos das tentativas de modernização do país. Ligando os dois elementos, o olhar do cronista moderno, sobre o qual recai a reflexão desenvolvida no segundo capítulo.

No terceiro capítulo, a ênfase recai sobre o Rio de Janeiro (que, na qualidade de Capital Federal, centralizava as contradições enfrentadas pelo país como um todo) e, em *close-up*, na Rua do Ouvidor (espaço da predileção do cronista e exemplar como divulgador das modas). Na primeira seção, que tem como título “Atropelados pelo progresso (ou: A alma enganadora das ruas)”, a tentativa tem sido a de seguir o procedimento adotado por Machado de Assis e captar nos detalhes vislumbrados pelo cronista relações de alcance mais amplo. Desse modo, a inauguração do bonde elétrico atua como símbolo de nossa corrida rumo ao progresso – e os acidentes que veio a provocar atuam no mesmo sentido, agindo como símbolo eloquente dos resultados desastrosos dessa corrida. De maneira semelhante, as hilárias passagens sobre uma epidemia de cólera ilustram o surgimento da “ideologia da Higiene” (na expressão de Sidney Chalhoub), além de revelar as péssimas condições sanitárias a que estava submetida a população pobre. Ainda integram este capítulo análises da religião (feitas principalmente a partir dos comentários do cronista sobre o espiritismo), da medicina (na subseção intitulada “O xarope cambará”) e das relações de classe (a partir da figura do criado José Rodrigues).

Contudo, no desenrolar do capítulo o foco da análise vai se abrindo da cidade para o país. Assim, à abordagem das reformas urbanas segue-se uma análise da crise econômica do período (a chamada “crise financeira da Abolição”, segundo o estudo de John Schulz), e depois tem lugar o exame das esferas da micropolítica (com as críticas feitas pelo cronista do sistema eleitoral e do sentimento de civilidade da população – ou, antes, de sua ausência) e da macropolítica. Nesta última parte, destaca-se o modo como foram abordados na série temas centrais à conjuntura do período, como as oposições entre monarquia e república ou entre centralismo e federalismo. Fecha a análise o estudo das crônicas que comentaram dois importantes momentos de crise: a (segunda fase da) Revolta da Armada, em 1893, e a Campanha de Canudos, entre 1896 e 1897. E talvez o próprio final da série esteja relacionado a essa circunstância, pois parece legítimo supor que todo o desfecho da campanha de Canudos e sua cobertura pela imprensa tenham causado um desgosto maior no escritor e o levado a se cansar de escrever crônicas (em última instância, a se cansar do Brasil).

Uma vez exposta a estrutura do trabalho, vale passar a algumas questões referentes à

metodologia adotada. O fato de que “A semana” constitui a maior série de crônicas do autor, composta por 248 textos (o que equivale a quase um terço do total), levanta um problema metodológico: devido à impossibilidade de comentar todos esses textos, foi preciso estabelecer um **recorte temático**. O procedimento adotado foi o seguinte: a partir da leitura do conjunto dos textos da série, alguns temas foram destacados, os quais foram gerando os diferentes capítulos da tese. No interior de cada capítulo, foram agrupados *trechos* de crônicas, não necessariamente em **ordem cronológica**. Embora essa explicação pareça muito cartesiana, ela tem uma motivação intrínseca ao projeto, na medida em que esses argumentos respondem ponto a ponto a algumas questões que se colocam a quem se dedica ao estudo de crônicas. Por exemplo, em um texto em que faz uma leitura detalhada da primeira crônica da série “A semana”, John Gledson defende as vantagens da análise de apenas **uma crônica na íntegra**, em contraste com **o estudo fragmentado de várias crônicas**. O crítico argumenta que aquele procedimento “revela estruturas de pensamento e caminhos de especulação que excertos isolados do texto (...) podem não revelar, ou revelar somente quando já se está acostumado a pensar em termos de uma crônica como um todo, de suas ambiguidades e significados ocultos”. No entanto, como o objeto da tese é a análise da série “A semana” como um todo, torna-se inviável o comentário integral do conjunto dos textos – ainda que o procedimento possa ser adotado em momentos isolados. Como forma de conciliar as duas orientações, adotei o critério de, para cada assunto selecionado, tentar compensar o comentário talvez excessivo de trechos de crônicas com a análise integral de pelo menos uma crônica.

O mesmo autor faz uma apresentação da série “Bons dias!” dividindo as crônicas em grupos cronológicos, com a intenção de realçar o que ele crê ser o impulso central da série, “a razão da sua existência e do seu fim – isto é, o processo político que cerca a Abolição e o advento da República”. Contudo, se tal método se revela adequado para o objeto em questão – uma série relativamente curta de crônicas –, ele não apresenta a mesma eficácia para a pretendida abordagem da série “A semana”, que foi composta ao longo de cinco anos (tornando-se mais difícil, neste caso, falar de um impulso central determinando a redação das crônicas). Com essas observações, justifica-se o método adotado: por um lado, trabalhar muito com trechos de crônicas (e não com crônicas integrais); por outro, fazer isso na ordem mais adequada para a argumentação (e não necessariamente na ordem em que elas foram escritas).

Enfim, tais são os principais eixos do trabalho ora em curso. Sua exposição me faz lembrar da crônica de 28 de agosto de 1894, na qual Machado fala sobre o projeto de aterrar o trecho da Baía de Guanabara em frente à praia da Glória, fazendo referência aos efeitos do Encilhamento (em um bom exemplo do modo alusivo como ele aborda os assuntos):

Se tendes imaginação, fechai os olhos e contemplai toda essa imensa baía aterrada e edificada. A questão do corte do Passeio Público ficava resolvida; cerceava-se-lhe o preciso para alargar a rua, ou eliminava-se todo, e ainda ficava espaço para um passeio público enorme. Que metrópole! que monumentos! que avenidas! (...)

Tudo isso custaria dinheiro, é verdade, muito dinheiro. Quanto? Quinhentos, oitocentos mil contos, o duplo, o triplo, fosse o que fosse, uma boa companhia poderia empreender esse cometimento. Uma entrada bastava, dez por cento do capital, era o preciso para os primeiros trabalhos do aterro; depois levantava-se um empréstimo. Convém notar que a renda da companhia principiaria desde as primeiras semanas. Como os pedidos de chãos para casas futuras deviam ser numerosíssimos, a companhia podia vendê-los antes do aterro, sob a denominação de *chãos ulteriores*, com certo abatimento. Assim também venderia o privilégio da iluminação, dos esgotos, da viação pública. Podia também vender os peixes que existissem antes de começar a aterrar o mar. Eram tudo fontes de riqueza e auxílios para a realização da obra.

Assim, o que acabo de apresentar são justamente esses *chãos ulteriores*, mais o *privilégio da iluminação*, *esgotos*, *peixes* e o que mais seja – com a devida ressalva de que a *especulação* a ser feita aqui não será no sentido sugerido por Machado no trecho citado, de “negociar no mercado de capitais com o objetivo de auferir lucros, aproveitando-se de uma situação temporária do mesmo mercado”, nem tampouco naquele outro sentido próximo de “lançar mão de recursos especiais para iludir alguém em proveito próprio”, mas nos sentidos bem mais positivos de “estudar com atenção e minúcia sob o ponto de vista teórico”, ou ainda de “meditar, raciocinar”. Embora estes meus “chãos ulteriores” apenas indiquem os caminhos futuros da tese, *são tudo fontes de riqueza e auxílios para a realização da obra* m –as, se tendes imaginação, fechai os olhos e contemplai todo esse imenso trabalho aterrado e edificado!